



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Thais Rocha da Silva¹

Novas abordagens sobre a arqueologia doméstica na Vila de Trabalhadores de Amarna

New approaches to domestic archaeology in the Amarna Workmen's Village

Resumo:

A Vila de Trabalhadores em Amarna foi estudada a partir de enquadramentos que privilegiaram a unidade habitacional da casa, em geral a partir da estrutura arquitetônica e do agrupamento de artefatos e instalações em seu interior. No século XX, a casa foi tratada pela Egíptologia como um container de atividades e relações sociais e em muitos casos descrita como uma 'casa de bonecas', com foco nos espaços internos e nas atividades desempenhadas em cada cômodo. Este artigo problematiza estes modelos explicativos, pautados numa experiência doméstica 'europeia ocidental', a partir de referências etnográficas e apresentando uma perspectiva holística sobre a vila amarniana.

Palavras-chave:

Espaço Doméstico; Cultura Material; Amarna.

Abstract:

The investigations about the Amarna Workmen's Village focused on house unities, usually based on architectural features, object assemblage and installations. In the twentieth century, houses were treated by Egyptology as a container for social relations and in many situations described as a 'doll-house'. This approach focused on inner spaces and activities in different rooms. This paper discusses these explanation models, which were based on a 'western-European' domestic experience. Comparatively, it presents alternative approaches through ethnographic references and a holistic perspective on the Amarna village.

Keywords:

Domestic Space; Material Culture; Amarna.

¹ Pós-doutoranda, FFLCH/USP; Research Fellow, Harris Manchester, University of Oxford; Amarna Project. Email: thais.rochadasilva@hmc.ox.ac.uk.

1. Introdução

Habitar é a primeira experiência social a qual somos expostos e ela é central para entender a ocupação humana no/do espaço e as suas formas de sociabilidade. O estudo sobre as casas se dá em diversas disciplinas nas Ciências Humanas, que tentam dar conta da sua variedade estrutural e espacial, das suas dinâmicas sociais e da sua produção material e imaterial. A casa organiza a nossa visão e a nossa experiência no mundo e as referências consolidadas a partir desta experiência são difíceis de serem desfeitas (ex. Oliver 1987). O ato de construir uma casa, de dar forma e ordem ao espaço, ao mesmo tempo que materializa as relações sociais, é também definido por elas.

Assim, é possível dizer que a casa, entendida aqui no seu amplo espectro material e social (re)produz um conjunto de valores e percepções de indivíduos e grupos.² Ela materializa múltiplas negociações sociais e constituem um objeto de estudo fundamental para pensar alteridade e os problemas associados a noções éticas e êmicas de sociedades antigas.

O entendimento êmico da experiência habitacional humana passa pelo questionamento da nossa percepção de mundo e dos instrumentos que dispomos para a análise histórica e social do problema. A fim de entender a experiência habitacional dos antigos egípcios, é preciso rever os pressupostos pelos quais os egiptólogos elaboraram suas noções de casa e do ambiente doméstico. Esse processo deve ser examinado, entre outros aspectos, à luz das tensões entre ‘oriente’ e ‘ocidente’, tanto do ponto de vista da formação dos campos de investigação, como da experiência social dos seus agentes, no caso específico, os egiptólogos.

Todavia, essas tensões não estão limitadas aos debates sobre o orientalismo e suas críticas, como as que foram feitas à obra de Edward Said (Said, 1979).³ Os desdobramentos dessas discussões serviram como um alerta importante para as disciplinas dedicadas às sociedades ‘orientais’, mas precisam ser ampliadas e

² Não há uma única definição para o termo *casa*. Suas definições passam, dentro da Arqueologia, pelo debate em torno da ideia de *household*, que privilegia o aspecto econômico e, ao mesmo tempo, pelas discussões sobre o parentesco; cf. Netting, Wilk e Arnould (1984), Carsten e Hugh-Jones (1995), Parker e Foster (2012), Madella *et al* (2013). Neste texto, a casa não se limita à estrutura arquitetônica que abriga os indivíduos e grupos, mas é entendida sob uma perspectiva holística que inclui os indivíduos, o espaço, a paisagem e as diversas manifestações da cultura material.

³ Said definiu o orientalismo a partir de três elementos: a pesquisa que fazem os orientalistas, um estilo de pensamento e a criação de instituições para lidar com o ‘Oriente’. A Egiptologia é parte do processo de institucionalização de práticas coloniais na produção de conhecimento e será abordada neste artigo a partir desse viés, sem explorar a crítica ao trabalho de Said e a formação de orientalismos diversos na Europa e nos EUA. Cf. Sardar (1999), Marchand (2009), Varisco (2007), Ibn (2007).

discutidas também à luz dos debates decoloniais.⁴ No caso do Egito, em particular, é preciso se atentar ao processo recente de aproximação com a História e a Arqueologia africanas e aos esforços da Egiptologia em dar protagonismo aos pesquisadores egípcios.

A Egiptologia construiu parte da sua tradição como disciplina acadêmica apoiada no estudo da língua e da filologia, que fundaram os estudos orientais na Europa. Do ponto de vista da evidência arqueológica, privilegiou um conjunto de materiais primordialmente advindos de contextos monumentais e funerários. Os estudos sobre as casas e os modos de viver dos antigos egípcios ao longo do século XX foram marcados por vieses de interpretação apoiados em experiências eurocêntricas e coloniais, as quais podem ser identificadas pela forma com que os arqueólogos descreveram os artefatos e estruturas, mas também na dificuldade de se questionar os próprios vieses interpretativos que constituíram o campo de investigação.

A experiência doméstica dos antigos egípcios, investigadas pela Arqueologia, foi pautada em evidências de três sítios arqueológicos: Lahun, Deir el-Medina e Amarna. O trabalho arqueológico conduzido por pesquisadores entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX foi registrado em relatórios de escavação pouco precisos e com técnicas limitadas, mas que são ainda referências fundamentais para o estudo das casas. Neste escopo, examinamos de que maneira o modo de se estudar as antigas casas egípcias expressou valores e experiências domésticas advindas de um contexto específico da Europa na virada do século XX e em que medida determinou o modo contemporâneo de se entender a casa e as relações sociais ali constituídas. Este viés precisa ser entendido na sua historicidade, incluindo não apenas elementos que remetem às tensões coloniais na formação da Egiptologia (i.e. orientalismo, imperialismo, etc.), não explorados neste texto, mas também à maneira de se entender a experiência doméstica *fora* do contexto europeu. É este segundo elemento que privilegiamos neste artigo, sem deixar de reconhecer, contudo como a história da Egiptologia consolidou formas de entendimento das sociedades no Vale do Nilo.⁵

A tensão entre uma experiência doméstica ‘egípcia’ e ‘europeia’ não está dada na simplificação de um antagonismo entre Oriente e Ocidente. Ao contrário, ela se dá justamente na ampliação dessas tensões que formam os campos de pesquisa, inclusive a prática etnográfica, sobretudo do questionamento dos pressupostos de investigação a respeito do objeto – a casa –, os quais balizam as metodologias aplicadas a elas.

⁴ Não limitado ao processo de descolonização territorial e político, mas em especial ao campo da formação das ideias e da produção intelectual. C.f. Mignolo (2009, 2012), Langer (2021, no prelo).

⁵ Para essa discussão ver por exemplo Moser (2006), Colla (2007), Langer (2021, no prelo), Navratilova, Gertzen e Dodson (2019) que apontam os vieses coloniais da formação da disciplina no contexto europeu.

2. Um breve histórico sobre o estudo da casa no Egito antigo

Os estudos sobre o espaço doméstico e as formas de habitar no Egito antigo ficaram limitadas por muitos anos a estudos tipológicos, que descreviam as estruturas e a classificá-las numa perspectiva evolutiva e cronológica. O destaque a estruturas arquitetônicas e elementos decorativos pelos egiptólogos no início do século XX integrava de forma muito modesta a análise de distribuição de objetos, as quais permitiam identificar áreas de atividades e a produção doméstica (Petrie, 1890, 1891, Peet e Woolley, 1923, Bruyère, 1939). Esse tipo de trabalho foi, contudo, um pilar importante para a fundação de pesquisas futuras sobre as residências dos antigos egípcios e seus modos de viver. Os sítios arqueológicos de Lahun, do Reino Médio (c. 1750-1640 AEC), Deir el-Medina e Tell el-Amarna, do Reino Novo (c. 1539-1075 AEC)⁶ se tornaram as principais referências de assentamentos urbanos no Egito antigo, uma vez que preservaram casas de tipos e tamanhos variados, fornecendo material para a constituição de um primeiro vocabulário ocidental sobre o espaço doméstico egípcio na antiguidade (Griffith *et al*, 1890, Petrie *et al*, 1923, Peet e Woolley, 1923, Ricke, 1932, Pendlebury, 1951, Borchardt and Ricke, 1980). Os trabalhos de Petrie em Lahun, de Bruyère em Deir el-Medina e de Peet, Woolley e Pendlebury em Amarna se preocuparam principalmente com o registro das estruturas arquitetônicas e elementos decorativos.⁷ Assim, apesar da imprecisão de alguns registros (i.e. ausência de preocupação estratigráfica), esses relatórios apresentam informações que não podem ser mais recuperadas.⁸

Com o surgimento da *Household Archaeology* na década de 1980⁹ e da ampliação de recursos técnicos e metodológicos no fim do século XX, as investigações sobre as casas se transformaram significativamente na ciência arqueológica, possibilitando intersecções com outras disciplinas, sobretudo a Antropologia (Wilk and Ashmore, 1988, Wilk and Rathje, 1982). O impacto entre os

⁶ Não há consenso para o estabelecimento de datas para uma cronologia do Egito antigo. A datação sugerida é feita com base na publicação de Baines e Malek (2000).

⁷ Após as escavações da década de 1920, a vila ficou exposta e muitas das estruturas e elementos decorativos sofreram um processo intenso de deterioração com efeitos irreversíveis.

⁸ Vale destacar a importância do trabalho realizado nos arquivos que abrigam os diários de escavação destes pesquisadores. Uma parte das reflexões e observações feitas *in situ* não foram incluídas nas publicações, mas trazem referências importantes para a reconstituição do contexto original e suas interpretações. Ver por exemplo o diário de Bruyère sobre Deir el-Medina, disponível em: <https://www.ifao.egnet.net/bases/archives/bruyere/about> e os diários de Peet e Woolley abrigados na Egypt Exploration Society em Londres, os quais tive também a oportunidade de consultar.

⁹ Os estudos sobre a Mesoamérica são as primeiras referências de trabalhos arqueológicos debatendo as noções de *household*, formulando um importante debate teórico-metodológico que depois foi estendido a outros contextos.

egiptólogos não foi imediato, mas encontrou ressonância com o desenvolvimento da Arqueologia da Paisagem e dos Assentamentos, principalmente por meio dos trabalhos de Barry Kemp (1977, 2018[1989], 2012). Ainda que essa perspectiva não tenha se limitado a tipologias, partiu delas em certa medida, procurando entender relações econômicas e dos indivíduos com o Estado (i.e. Shaw 1988; 1992).

Nas décadas de 1990 e 2000, as casas foram estudadas pela Egiptologia a partir de outros recortes temáticos, principalmente dos estudos de gênero (Meskell, 1998, Meskell, 1999, Meskell, 2002) e do cotidiano (*daily life*) (Winlock, 1955, McDowell, 2010[1999], Szpakowska, 2008, Frood, 2010). Em linhas gerais, a casa foi colocada em segundo plano, não como evidência primária, mas como o espaço onde outras fontes materiais se agrupavam e onde se dava as relações sociais. A casa era o local de residência da família,¹⁰ a estrutura que organizava a vida doméstica em diversos níveis.

Neste espectro, a Egiptologia reproduziu uma perspectiva que associava as mulheres ao espaço da casa, principalmente a partir das fontes textuais e iconográficas (Robins, 1993, Wilfong, 1999, Toivari-Viitala, 2001, Sweeney, 2002, Sweeney, 2008). Durante a década de 1990, em que a disciplina se aproximou da história das mulheres e dos estudos de gênero, o foco das pesquisas era primordialmente direcionado às mulheres e aos temas chamados femininos: sexualidade, família, casamento/divórcio (Lesko, 1978, Robins, 1993, Rowlandson, 1998). A partir destes eixos temáticos, que colocava a mulher como centro da vida doméstica e familiar, a casa não era percebida como uma fonte a ser estudada, mas um enquadramento fixo, imutável onde se constituía o eixo principal de ação e articulação das mulheres.

A reprodução da ideia de que casa e o ambiente doméstico pertencem ao universo feminino foi pouco problematizada na Egiptologia, apesar da amplitude do debate na Arqueologia do Gênero (Gero, 1985, 1991, Conkey, 1998, Hendon, 1996, 2006, Allison, 1999, Gilchrist, 1999, Sørensen, 2000, Díaz-Andreu García, 2005, Nelson, 2006). É preciso reconhecer a contribuição dos estudos de gênero e das pesquisas sobre a cultura material para o avanço do campo. O gênero, entendido aqui como instrumento relacional que nos ajuda a compreender as relações sociais¹¹, visto sob uma perspectiva interseccional (ex. Collins e Bilge, 2016), oferece elementos importantes para desconstruir visões monolíticas sobre homens e mulheres e permite entender dinâmicas sociais em contextos específicos.

¹⁰ A noção de família não é universal e estudos sobre as relações de parentesco são importantes para compreender as complexidades dos arranjos domésticos. Sobre isso ver, por exemplo, Carsten e Hugh-Jones (1995), Carsten (2000, 2004).

¹¹ O debate em torno de uma definição de gênero é vasto e não está no escopo deste texto. Tomo o trabalho de Strathern (2016) como referência, destacando que seu aspecto instrumental para entender relações sociais, suas dinâmicas e hierarquias.

Enquanto os egiptólogos se aproximaram das teorias do gênero (com pouco sucesso) durante a década de 1990, a fim de questionar determinados papéis e representações sociais, por outro lado, o conjunto material que organizava a chamada vida doméstica – a casa – não havia sido problematizado. Tal qual apresentada pela historiografia, a casa havia se tornado um paradigma de experiência social, fixo e imutável, baseado em noções de família, privacidade e espaço, constituídos a partir de referências europeias.

Novas perspectivas sobre os estudos da casa egípcia se fortaleceram a partir da publicação organizada por Miriam Müller (2015). A aproximação da Egiptologia com outras disciplinas, em especial a Antropologia, Geografia e a *Household Archaeology* abriu um novo leque de questões, somados a novas informações de escavações recentes, principalmente de novos assentamentos (ex. Budka e Auenmüller, 2018, Moeller, 2016).

Para além dos problemas de anacronismo inerentes a qualquer prática histórica, é preciso compreender como a abordagem ética deslocou um conjunto de valores e de percepções, reproduzindo modelos exógenos de sociabilidade para o Egito antigo. Embora este problema possa ser examinado sob diversos pontos de vista,¹² nosso foco recai sobre o modo como a Egiptologia articulou determinadas referências sobre casa e, a partir delas, delineou estratégias metodológicas para se entender o espaço doméstico que se mostraram frágeis no contexto egípcio e, em última instância, insuficientes.

3. A vila de Trabalhadores de Amarna

A Vila de Trabalhadores é um sítio arqueológico localizado na antiga cidade de Akhetaton, fundada por Akhenaton (Amenhotep IV), para servir como a nova capital do Egito. A cidade foi ocupada por pouco tempo (c. 1347–1332 AEC) e está na moderna região de Tell el-Amarna, na província de El-Minya. A vila dista aproximadamente 1.2km da Cidade Principal e está circundada por uma antiga rede de estradas que interligam diversas regiões de Amarna.¹³

¹² A discussão sobre as fontes iconográficas, administrativas e literárias que apresentam referências às casas egípcias demandam uma análise pormenorizada dos seus respectivos contextos e do processo de hierarquização das evidências, os quais não serão explorados no texto.

¹³Para um mapa detalhado, ver:

https://www.amarnaproject.com/pages/amarna_the_place/workmans_village/map2.shtml

O assentamento foi criado pela administração egípcia para abrigar a população envolvida nos projetos de construção da realeza faraônica.¹⁴ A vila possui 72 casas mais ou menos uniformes e alinhadas em 5 ruas paralelas, circundadas por uma muralha de tijolos medindo 4761 m². Ao redor, há uma série de estruturas que compõem o assentamento: chiqueiros, capelas, área para descarte de lixo (*quarry*)¹⁵, a área-*zjir*, X1 e X2.¹⁶ O assentamento foi escavado por Peet e Woolley entre 1921 e 1922 e depois por Barry Kemp na década de 1980. Nesse ínterim, a vila sofreu saques sistemáticos que comprometeram a evidência arqueológica.

As casas eram também construídas por tijolos, produzidos com argila do Nilo e argila local.¹⁷ Cada casa media aproximadamente 5x10m e eram divididas em três cômodos: o Cômodo da Frente (*Front Room*), do Meio (*Middle Room*) e dos Fundos (*Rear Room*), que também eram subdivididos¹⁸. O Cômodo do Meio era possivelmente a área mais importante da casa, com um banco de tijolos (*divan* ou *mastaba*) onde as pessoas se reuniam para diversas atividades (comer, dormir?) e para a interação social. A área dos fundos era em geral dedicada à produção de alimentos (Samuel 1999; Kemp 2012), com pequenas áreas para armazenamento, pilões e/ou uma escada. Não há, entretanto, consenso para a existência de um segundo andar completo nas casas ou apenas uma estrutura superior com uma cobertura leve, como um terraço coberto com um toldo, por exemplo (Kemp, 1984a, Kemp, 1987b, Spence, 2004).

A Vila de Trabalhadores de Amarna é em geral comparada com a vila de Deir el-Medina, em Tebas, uma vez que as suas casas e parte das estruturas que compõem o assentamento se assemelham (Kemp 1987a, 1987b; Meskell 2000a, Müller 2014). Acredita-se que se trata da mesma comunidade, que foi transferida quando Akhetaton foi fundada, e que após a morte do rei, retornou para a antiga

¹⁴ Não há consenso sobre as suas atividades. Sobre isso ver Kemp (1984^a: 1–3, 1984b, 1987a, 1987b), Shaw (1988), Soliman, 2014, 2015, Stevens (2020).

¹⁵ O *quarry* foi inicialmente utilizado para a retirada de pedras e material para a fabricação de tijolos na fase inicial de ocupação da vila. Posteriormente, foi utilizada para descarte de lixo pelos moradores; cf. Kemp (1984a, 1986, 1987a, 1987b).

¹⁶ A área-*zjir* é uma estrutura destinada a receber as entregas regulares da administração egípcia para a manutenção dos moradores (principalmente de água e possivelmente suprimentos de grãos e ferramentas). A região denominada X1 era possivelmente um posto de vigia em que o Estado controlava o acesso à vila. X2 é uma região em que possivelmente os burros com carregamentos de água paravam para serem descarregados (Kemp, 1984a, 1984b, 1986, 1987a).

¹⁷ Kemp (1984^a, 1987a) identifica dois tipos de tijolos na produção das casas. Um deles, produzido pela administração era feito com argila aluvial e pertence, possivelmente à remessa inicial de tijolos fornecidos aos moradores para iniciarem a construção da vila. Posteriormente, os habitantes produziram os tijolos a partir de marga, retirado da área que circundava o assentamento. Nessa perspectiva, Kemp afirma que os trabalhadores concluíram a construção das suas casas, sem a participação do Estado. Essa perspectiva é, no entanto, contestada (Correas-Amador, 2013, Spence, comunicação pessoal).

¹⁸ Os termos originais da descrição das casas nos relatórios foram mantidos, indicados entre parênteses.

capital tebana (Kemp 1984a: 1–3; Häggman 2002: 60). Deir el-Medina teve uma ocupação muito mais longa (c. 1500-1000 AEC), o que certamente contribuiu para diferenças significativas no plano de Deir el-Medina em relação à vila amarniana. Todavia, qualquer comparação entre os dois assentamentos precisa ser feita com bastante cautela. As evidências arqueológicas das casas de Deir el-Medina do modo como foram publicadas são imprecisas e muitas vezes incorretas. Além disso, as evidências que sobreviveram pertencem à 19ª dinastia, período pós-amarniano, enquanto as evidências da 18ª dinastia, período de fundação da vila de Deir el-Medina, são pouco conhecidas. Apesar dessas imprecisões, a vila de Deir el-Medina apresenta um material textual abundante, o que não ocorre em Amarna (Haring, 2003, Haring *et al*, 2014) que permite reconstituir diversos aspectos da vida diária dos seus habitantes (McDowell 2010[1999]).

Apesar do modelo tripartite e da aparente uniformidade, as casas da Vila de Trabalhadores apresentam grande variação no arranjo do espaço interno e na presença de equipamentos fixos (fornos, pilões, etc.) (Peet e Woolley, 1923, Shaw, 1988, Samuel, 1999, Koltsida 2007a). Nem todas as casas tinham equipamentos para a produção de pão e a distribuição irregular de artefatos sugere que as atividades em cada residência também não eram as mesmas.¹⁹ Tal diversidade foi examinada principalmente do ponto de vista econômico, seja na colaboração entre os moradores para a produção de alimentos (Samuel, 1999) ou como formas de distinção social (Shaw, 1992). A proximidade das casas também seguiu uma linha interpretativa semelhante (Samuel, 1999).

No entanto, a paisagem da vila que temos é incompleta e incerta. Não se sabe ao certo como eram os telhados das casas (Kemp, 1986, Spence, 2004) e se o Cômodo da Frente era coberto por uma estrutura temporária ou capaz de suportar um andar superior (*idem*). Nem todas as casas apresentam elementos que indiquem a presença de um segundo andar, ou mesmo um teto que resistisse a uma superestrutura, a qual pudesse servir de terraço para outras atividades.²⁰ Isso nos coloca questões importantes relacionadas a ventilação e iluminação que são essenciais para a condução de determinadas atividades, como a produção de tecidos e o preparo de alimentos, que requerem espaços arejados e bem iluminados. Contudo, as evidências de janelas são raras e as discussões limitadas pela escassez de fontes.

O espaço compacto das casas levou Koltsida (2007a) a afirmar que algumas atividades domésticas poderiam ser desempenhadas em diferentes cômodos e por isso, eles seriam multifuncionais. No entanto, esse modelo ainda privilegia uma

¹⁹ Koltsida (2007a) faz um mapeamento das atividades da casa por cômodo.

²⁰ Acredita-se que as pessoas pudessem utilizar esta área da casa para dormir durante o verão, como se faz ainda hoje na região. As casas Gate Street 8 e 9 escavadas por Kemp (1984a, 1985, 1986) apresentam essa possibilidade, *cf.* Koltsida (2007a).

percepção de que a vida social acontecia dentro de casa, a portas fechadas, mas não leva em conta a possibilidade de que as pessoas poderiam passar a maior parte do tempo em espaços abertos, fora da unidade residencial.²¹ Se observarmos outras estruturas da Vila, como capelas, chiqueiros, áreas de armazenamento (área-*z'it*) e descarte, que ficavam do lado externo do muro, podemos imaginar os moradores entre idas e vindas para realizar atividades básicas como buscar água e alimentar os animais, por exemplo.

Ao examinar com mais detalhes as evidências arqueológicas das áreas X1 e X2, é possível estender o limite da vila para além da sua muralha. Essas áreas também foram investigadas sob o aspecto econômico, destacando a participação do Estado nas entregas regulares e as trocas feitas entre os habitantes da Vila e outras regiões de Amarna (ex. Kemp 1987a). Um aspecto fundamental das áreas X1 e X2 é que elas demarcam os limites de *fora* e de *dentro* da comunidade, se utilizando da paisagem natural onde o assentamento foi construído. A rede de estradas que circundava a vila era uma outra camada na demarcação dessas fronteiras. Nessa perspectiva, os habitantes da Vila de Trabalhadores não estavam confinados, nem isolados (Kemp 1987; 2012). O controle e a restrição eram para os que não pertenciam à comunidade (Salmas, 2018).

Amarna possui um vocabulário bastante diversificado para se testar novos modelos de interpretação do espaço doméstico egípcio, tanto nas casas grandes da Cidade Principal, como nas pequenas da Vila de Trabalhadores. Mesmo com o contexto arqueológico conturbado da Vila de Trabalhadores, as escavações realizadas na década de 1980 por Barry Kemp apresentaram resultados importantes, mostrando a complexidade do processo de construção das residências e o modo como os indivíduos alteraram suas casas e a paisagem ao redor. A partir desses dados, é possível questionar as metodologias empregadas nestes estudos e revisitar concepções de casa e de espaço doméstico há muito estabelecidas na historiografia.

4. Para além das quatro paredes

A escavação da vila de Deir el-Medina por Bruyère produziu um relatório extenso sobre os achados na vila (Bruyère, 1939). O trabalho de campo foi feito num tempo muito menor que o planejado e em paralelo a uma tentativa de reconstrução das casas, a qual tem sido revisitada nos últimos anos (Valbelle, 1985,

²¹ Trata-se neste caso da população que permanecia na vila durante o dia. Não se sabe ao certo a rotina dos trabalhadores ligados aos projetos de construção do faraó. Não se sabe se a vila era dividida em grupos distintos (*gang*), como o caso de Deir el-Medina. Os espaços abertos poderiam ser também nas próprias casas, assumindo que nem todas as áreas da casa fossem cobertas (ex. Spence 2004).

Gobeil, em preparação²²). Bruyère produziu um modelo de casa ideal (Bruyère, 1939: 50; fig. 15), reunindo os elementos comuns das casas da vila, mas que não correspondem à realidade da evidência arqueológica, uma vez que as residências não são iguais. Este modelo foi reproduzido por quase toda a literatura egiptológica, mesmo com os pesquisadores reconhecendo as diferenças entre as casas (ex. McDowell, [2010]1999, Meskell, 1998, 1999, 2002, 2005; Koltsida, 2007a, 2007b; Weiss 2015).²³

Com o modelo de Bruyère, o foco das investigações sobre o espaço doméstico no Egito antigo privilegiou a unidade habitacional, mesmo com evidências de outros sítios arqueológicos, como é o caso da Vila de Trabalhadores Kemp, 1987a, 1987b, 2012, Coelho, 2012). Nesse modelo, os egiptólogos descreveram as atividades das casas espacialmente compartimentadas, com uma área para ‘cozinha’, ‘quarto’ e ‘área de estar’. A divisão dos cômodos em geral seguia também uma divisão sexual do trabalho e engendrou os espaços como masculinos e femininos (Kemp, 1987a, 2012, Meskell, 2002, 2005, Spence, 2004).

A descrição do espaço interno das casas, suas estruturas e instalações e os agrupamentos de objetos serviram como referência para determinar funções específicas para cada cômodo. A casa foi investigada como uma unidade isolada e em certa medida autônoma, cuja descrição se assemelha, em muitos casos, à de uma casa de bonecas: os cômodos são definidos por suas funções (Meskell 2002, Coelho, 2012), possuem gênero específico (Meskell 2002; Kemp 1987a, Spence, 2004, Koltsida 2007a) e há uma clara separação entre os diferentes espaços e atividades. Ao mesmo tempo, do ponto de vista arqueológico, seguiu a linha interpretativa da *household*,²⁴ que valoriza a produção econômica básica do grupo familiar (Kemp, 1989, Samuel 1999), deixando de lado outros aspectos como parentesco (Olabarria, 2020, Salmas, em preparação)²⁵ e o modo como o espaço doméstico foi conceitualizado (Spence 2015).

Este tipo de descrição projeta um modelo de vida doméstica voltado para o ambiente interno, com uma clara divisão sexual do trabalho e de uma visão

²² Cédric Gobeil, ex-diretor da missão francesa em Deir el-Medina está preparando uma nova publicação com os dados das casas atualizados.

²³ Para uma discussão mais detalhada sobre o modelo e as suas apropriações, ver Rocha (2018: 301–307).

²⁴ A ideia de que a unidade doméstica é um centro de produção (de bens e de pessoas) se apoia na interpretação de evidências que são mais fáceis de rastrear no contexto arqueológico (instalações e artefatos de produção de alimento, por exemplo), mas não leva em conta outros aspectos da cultura material que associados com as casas que são parte da fábrica social.

²⁵ Salmas está estudando a distribuição das casas em Deir el-Medina a partir das relações familiares e a publicação está em preparação. Há evidências sobre divisões da casa como disputas de heranças ao longo do período faraônico (*The Instruction of Any* 6,1, Lichtheim, 1976: 139; *The Tale of Two Brothers*, *idem*: 203–211) e também do período cristão (Wilfong, 1989, 1990). Para uma discussão mais geral ver Moreno Garcia (2012), Mühs (2008), Pestman (1961, 1987).

problemática sobre as noções de espaço público e privado, tendo em vista o contexto comunitário da vila. Ao reproduzir um modelo da casa de bonecas, se replica uma experiência doméstica que têm suas origens na Europa em finais do século XVIII e da Era Vitoriana (Flanders, 2014, Flanders, 2003, Miller, 2001, Miller, 2008), principalmente no contexto francês e inglês, a qual, em grande medida, foi a experiência de parte da Egiptologia até meados do século XX.

A visão sobre as casas e o espaço doméstico disseminada pela Egiptologia do início do século XX traz noções específicas sobre conforto e privacidade, que passaram a fazer parte do ambiente doméstico. Nesse escopo, a visão ‘ocidental’ contemporânea de casa enfatiza a experiência das ‘portas fechadas’, nas quais relacionamentos e recolhimento se alternam (Miller 2001: 1). *Casa* se sobrepõe à ideia de *lar* na Europa do século XIX, principalmente no contexto inglês (Miller 2001, Clarke, 2001, Flanders, 2003, 2014). Os espaços da casa foram rearranjados e a divisão de atividades domésticas submetidas a novos critérios de segregação, os quais constituíram noções específicas para as esferas públicas e privadas. A casa se tornou neste período um microcosmo ideal, associado a valores morais, a um espaço de refúgio e o centro da experiência familiar (Low e Lawrence-Zúñiga 2003; Flanders 2003).

A casa vitoriana é um dos melhores exemplos para se entender as distorções feitas às casas egípcias, com divisões entre os cômodos (portas, paredes, corredores, escadas). A casa, ocupada pela família (nuclear ou estendida) e um número grande de empregados, tinha separações muito claras para *status* e gênero (Flanders, 2003, 2014, Waithe, 2004, Tosh, 2004[1999]). Tais divisões criavam uma ‘zona privada’ para cada grupo, organizada de forma vertical, em que os empregados ocupavam a parte de baixo da casa, enquanto as áreas superiores eram reservadas aos membros da família. A hierarquia vertical da casa emulava o *status* social daqueles que ali viviam, isolando os grupos, os quais se encontravam em situações sociais muito demarcadas.²⁶

Para fins de comparação, a casa vitoriana explicita alguns dos equívocos identificados no estudo do espaço doméstico egípcio, principalmente para a divisão interna dos cômodos e suas atividades. No caso da Vila de Trabalhadores com suas casas tripartites e espaço reduzido, a explicação da multifuncionalidade dos cômodos (Koltsida 2007a) ajuda a calibrar o modelo, mas não resolve, por exemplo, o entendimento do espaço doméstico neste contexto em que as casas são geminadas. O trabalho de Spence (2015), voltado às residências maiores da Cidade Principal, nos traz outros elementos para essa reflexão. Ela destaca a diferença entre a função do espaço e o modo como ele foi conceitualizado. Para ela, o espaço doméstico não é ordenado a partir das atividades desenvolvidas em cada cômodo,

²⁶ Empregados eram autorizados nos andares superiores para executar suas atividades, o que também ocorria no caso das refeições, que eram servidas numa área diferente da qual eram preparadas. Havia mobilidade, mas em geral regulada pela atribuição das atividades e suas rotinas.

mas a partir das relações sociais estabelecidas entre o chefe da casa e os demais membros dentro e fora da residência. A importância das relações sociais e familiares na ordenação do espaço doméstico é destacada também nos trabalhos etnográficos no Egito e Sudão modernos e nos ajuda a compreender novas dimensões das casas.

5. Etnografias e outras casas

As conclusões de Spence sobre a constituição do espaço doméstico egípcio encontram eco em trabalhos etnográficos (ex. Hivernel, 1996) e nos auxiliam a escapar da perspectiva vitoriana. A etnografia pode auxiliar os pesquisadores a calibrar a abordagem arqueológica que privilegia tipologias. Mais ainda, ela nos lembra que indivíduos e grupos respondem de forma distinta às estruturas arquitetônicas e que elas não podem ser tomadas apenas de forma prescritiva.²⁷ Neste sentido, a etnografia destaca a tridimensionalidade da casa, a presença humana e as múltiplas possibilidades de negociações sociais materializadas na cultura material.²⁸ A casa se torna, assim, um elemento mais complexo e dinâmico do que o plano bidimensional registrado nos relatórios de escavação, com objetos em seu interior. Essa dimensão da experiência doméstica é fundamental e deve ser levada em conta quando acessamos a evidência arqueológica.²⁹

Se por um lado a etnografia catalisa possibilidades para novos enquadramentos das formas de habitar, ela não deve ser utilizada como uma linha contínua das sociedades antigas para as modernas. A evidência etnográfica não pode determinar o olhar para o contexto arqueológico e a continuidade entre o ‘antes’ e o ‘agora’, sem qualquer viés crítico, deve ser evitado.

A Egiptologia tem pouca tradição no uso sistemático da etnografia e esse tipo de investigação corre o risco de se tornar apenas um contraponto ilustrativo na

²⁷ Sobre isso ver Miller (1988) sobre as habitações populares (*council houses*) em Londres. O antropólogo aponta como as habitações-padrão construídas pelo governo britânico e disponibilizadas à população mais vulnerável não eram utilizadas da mesma forma. Apesar das estruturas serem as mesmas, os seus habitantes modificaram o interior das casas segundo critérios próprios associados a gênero e etnia, por exemplo. Para outras referências, ver Anderson (2016).

²⁸ Um dos pontos válidos do uso da etnografia com as casas é o fato de se identificar como as habitações são apropriadas pelos seus moradores em situações específicas de interação social. O uso e a transformação dos espaços das casas contemporâneas podem ser observados e documentados levando em conta diferentes dinâmicas sociais e subordinadas a aspectos como gênero, idade, status e etnia (ex. Miller, 1988, 2001, 2008, Daniels, 2008, 2010).

²⁹ Sobretudo no que diz respeito à experiência sensorial: iluminação, ventilação, odores, temperatura, ainda pouco explorada na Egiptologia (Rocha, 2020). Cf. Shepperson (2009, 2017) para a antiga Mesopotâmia. As respostas às estruturas arquitetônicas não podem ser completamente reconstituídas. Sobre isso, ver Palyvou (2018).

comparação com as fontes antigas.³⁰ O trabalho de Correias-Amador (2013) é uma exceção importante, sobretudo no que diz respeito ao estudo do espaço doméstico e há outras iniciativas nesse horizonte com maior ou menor impacto (Hivernel, 1996, van der Spek, 2011).

Esta literatura aponta para a necessidade de se entender *outras* formas de habitação e como elas estão subordinadas a outros critérios e concepções de mundo. Um exemplo interessante para se notar a complexidade do problema é o testemunho do arquiteto egípcio Hassan Fathy, que trabalhou no projeto de realocação da população na vila de Gourná (Fathy, 1987). Fathy realizou uma pesquisa com os moradores da vila buscando referências para uma casa ideal que pudesse ser rapidamente construída e com baixo custo. Em suas incursões pelo Egito e pelo Sudão, ele notou que o significado da casa estava muito além da estrutura arquitetônica da unidade habitacional. Mais ainda, o conceito de uma casa ideal, pré-planejada, era alheio a essas populações, pois cada residência respondia a necessidades específicas dos seus grupos familiares, com um design único apesar das semelhanças na estrutura arquitetônica.

O projeto de Fathy fracassou, entre outros motivos, por não ter conseguido atender a duas demandas: a do governo, que exigiu a transferência da comunidade, e a dos moradores de Gourná, que não queriam sair e dependiam dos recursos locais, tendo ali enraizadas as suas tradições e a presença dos seus ancestrais. A estrutura arquitetônica da vila em que moravam materializava uma complexa rede de parentesco pela distribuição espacial das casas e na constituição de vizinhanças por meio de redes de colaboração (Fathy 1987).

O trabalho de Hivernel (1996) em Balat nos traz outros elementos que corroboram para uma percepção mais ampla da casa. Ele demonstra como o espaço doméstico pode se estender também para casas vizinhas, ocupadas por parentes. Casamentos entre grupos distintos se tornam uma maneira de estender laços de parentesco e fortalecer vínculos de cooperação. O espaço habitado se amplia e as ruas se tornam também espaços semiprivados, controlados por diferentes grupos familiares.³¹ No Sudão, as pesquisas etnográficas também apontam para uma outra noção de espaço doméstico, que integra a paisagem local, os ancestrais e o espaço da comunidade (ex. Hopkins e Mehanna, 2010, Agha, 2019, 2020).³²

³⁰ Os trabalhos de viajantes na virada do século XIII para o XIX não chegam a ser etnografias no sentido antropológico do termo, muito embora sejam referências fundamentais para o entendimento das sociedades egípcias neste período. É certo também que muitas das respostas às condições climáticas permaneceram em uso e há correspondentes nas fontes arqueológicas. Para outras referências, ver por exemplo Lane (2003), Bartlett (2004).

³¹ Situação similar pode ser observada nas vilas de Et-Till Beni Amran (Et-Till) e El-Hagg Qandil em Amarna.

³² Agradeço a Aaron De Souza por apontar essas referências.

Nesta linha interpretativa, a percepção do espaço doméstico não se limita, portanto, à área interna da casa e não pode ser mais entendida de forma isolada. Isso nos permite questionar as concepções em torno da ideia de espaços públicos e privados, por exemplo, levando em conta a circulação dos indivíduos, suas atividades e o modo de interagir com o espaço. Uma perspectiva holística sobre a casa permite acomodar uma série de importantes discussões teóricas sobre a espacialidade e a cultura material associadas ao espaço doméstico que muitas vezes parecem descoladas das fontes primárias (ex. Müller 2015, Buxton *et al.*, 2016).

6. Considerações Finais

O material arqueológico da Vila de Trabalhadores fornece elementos importantes para desafiar concepções anteriores sobre o espaço doméstico egípcio. Seus dados, publicados parcialmente e de forma inconsistente, ficaram de fora nos novos estudos sobre as casas. A Egíptologia transformou as residências das vilas trabalhadoras num paradigma da vida doméstica, mas não questionou os modelos explicativos que construíram tais formulações. O foco das investigações se concentrou nas unidades habitacionais isoladas, independentes e autônomas, na função dos cômodos, deixando de lado o contexto mais amplo da vila em que as casas foram construídas.

Esse tipo de modelo emulou, em grande parte, a visão sobre a casa e o espaço doméstico dos arqueólogos franceses e ingleses que se debruçaram sobre as vilas de Deir el-Medina e Amarna. As duas importantes escolas da Egíptologia europeia trouxeram a casa a portas fechadas, como o espaço da família, do conforto e estabilidade. Essa ‘casa de bonecas’, inspirada na casa vitoriana, segregava os cômodos por atividades, grupos sociais e gênero, ainda que apontasse para sua multifuncionalidade. Essa realidade, entretanto, não faz sentido no contexto egípcio, nem para as residências de grupos abastados e muito menos para o modelo da casa tripartite das vilas trabalhadoras.

A casa ideal egípcia, concebida por Bruyère a partir do material de Deir el-Medina, serviu de base para entender a vida nas vilas, ignorando a dimensão espacial onde as residências se encontravam. Como a vila dispunha de um enorme acervo de fontes textuais, matéria prima fundamental da Egíptologia por décadas, Deir el-Medina se tornou a principal referência para o entendimento da vida doméstica no Egito antigo. Mais ainda, o foco nas tipologias e na busca por padrões arquitetônicos não se desdobrou no entendimento das negociações sociais neste contexto. No caso da vila amarniana, a evidência arqueológica parece ter sido subordinada ao modelo explicativo de Deir el-Medina já de antemão. Em que medida, portanto, o material da Vila de Trabalhadores pode oferecer possibilidades para repensar modelos interpretativos que se formaram num contexto colonial?

Este artigo apontou dois caminhos: o primeiro deles chama atenção para a necessidade de se revisitar as fontes primárias a partir de uma perspectiva que não se limite à unidade habitacional. Isso nos permite entender a casa no seu contexto social – a vila –, com todas as estruturas e artefatos distribuídos na paisagem, destacando a presença e a ação humana ao constituir o espaço da vila. O segundo aspecto se dá na observação crítica da evidência etnográfica, que pode auxiliar os pesquisadores na demolição da casa de bonecas como modelo explicativo. A exemplo do que notou Fathy, a vida social no contexto das vilas não se limitava à estrutura da casa e estava baseada num forte senso de comunidade e na relação com a paisagem local.

A Egíptologia deve se beneficiar da produção etnográfica que desafia a percepção das casas como unidades autônomas, isoladas e padronizadas. O esforço de rastrear padrões arquitetônicos e a distribuição de artefatos no contexto doméstico deve ser um ponto de partida flexível o suficiente para acomodar as variações, tanto das fontes, como dos modelos. O Egito não pode ser entendido mais a partir da polarização ‘ocidente’ e ‘oriental’ como entidades monolíticas e o trabalho com as fontes materiais deve ser rigoroso o suficiente para se escapar dessas armadilhas. Nessa linha, a restituição do Egito à África deve também levar em conta as experiências diversas e complexas das sociedades que viveram no Vale do Nilo. A casa, quiçá, poderá abrir portas a uma nova Egíptologia.

Referências

Anderson, J. 2016. Uncertain Futures, Obscure Pasts: The relationship between the Subject and the Object in the Praxis of Archaeological and Architectural Design. In: Hulin, L., Buxton, A., Anderson, J. (ed.). *inHabit: archaeologists, architects and objects* (pp. 36–60). London: Peter Lang.

Bartlett, W. H. 2004. *Traveling through Egypt: from 450 B.C. to the twentieth century*. Cairo: The American University in Cairo Press.

Borchardt, L., Rieke, H. 1980. *Die Wohnhäuser in Tell El-Amarna*. Berlin: Mann.

Bruyère, B. 1939. *Rapport sur les fouilles de Deir El Médineh (1934-1935). Troisième partie. Le village, les décharges publiques, la station de repos du col de la Vallée des Rois*. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale.

Budka, J., Auenmüller, J. 2018. *From Microcosm to Macrocosm. Individual Households and Cities in ancient Egypt and Nubia*. Sidestone Press.

- Buxton, A., Hulin, L., Anderson, J. 2016. *Inhabit: people, places and possessions*, New York: Peter Lang Ltd.
- Carsten, J. 2000. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carsten, J. 2004. *After kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carsten, J., Hugh-Jones, S. 1995. *About the house: Lévi-Strauss and beyond*, Cambridge, New York: Cambridge University Press.
- Clarke, A. 2001. The Aesthetics of Social Aspiration. In: Miller, D. (ed.) *Home Possessions. Material Culture behind closed doors*. London, New York: Berg.
- Coelho, L. C. 2012. Arquitetura doméstica e uso dos espaços: o exemplo da vila de trabalhadores de Akhetaton. *Nearco*, 10, p. 86–108.
- Colla, E. 2007. *Conflicted antiquities: Egyptology, Egyptomania, Egyptian modernity*. Durham: Duke University Press.
- Collins, P., Bilge, S. 2016. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press.
- Conkey, M. W., Spector, J. D. 1998. *Archaeology and the Study of Gender. Reader in Gender Archaeology*. London: Routledge.
- Correas-Amador, M. 2013. *Ethnoarchaeology of Egyptian mudbrick houses: towards a holistic understanding of ancient Egyptian domestic architecture*. Phd Thesis, Durham University.
- Daniels, I. 2008. Japanese Homes Inside Out. *Home Cultures*, 5, 115-139.
- Daniels, I., Andrews, S. 2010. *The Japanese House: Material Culture in the modern home*. Oxford: Berg.
- Fatht, H. 1987. *Architecture for the poor. An experiment in rural Egypt*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- Flanders, J. 2003. *The Victorian house: domestic life from childbirth to deathbed*. London: Harper Collins.
- Flanders, J. 2014. *The making of home*. London: Atlantic Books.
- Frood, E. 2010. Social Structure and Daily Life: Pharaonic. In: Lloyd, A. B. (ed.) *A Companion to Ancient Egypt*. (pp. 469–490). London: Blackwell.

- Gero, J. M., Conkey, M. W. 1991. *Engendering archaeology: women and prehistory*. Oxford: Blackwell.
- Gero, J. M. 1985. Socio-Politics and the Woman-at-Home Ideology. *American Antiquity* 50, 342–350.
- Griffith, F. L., Newberry, P. E., Petrie, W. M. F. 1890. *Kahun, Gurob and Hawara*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner, and Co.
- Hägglund, S. 2002. *Directing Deir el-Medina: the external administration of the Necropolis*, Uppsala, Dep. of Archaeology and Ancient History: Uppsala University.
- Haring, B. 2003. From Oral Practice to Written Record in Ramesside Deir El-Medina. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 46, 249–272.
- Haring, B. J. J., Demarée, R. J., Kaper, O. E., Walsem, R. W. (2014). *The workman's progress: studies in the village of Deir el-Medina and other documents from western Thebes in honour of Rob Demarée*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten; Peeters.
- Hendon, J. A. 1996. Archaeological approach to the organisation of domestic labor: Household Practices and Domestic Relations. *Annual Review of Anthropology*, 25, 45–61.
- Hendon, J. A. 2006. The engendered household. In: Nelson, S. M. (ed.) *Handbook of gender in archaeology (Gender and archaeology series)*. Lanham, MD: AltaMira Press.
- Hopkins, N. S., Mehanna, S. R. 2010. *Nubian encounters: the story of the Nubian ethnological survey, 1961-1964*. Cairo: American University of Cairo Press.
- Ibn, W. 2007. *Defending the West: a critique of Edward Said's Orientalism*. Amherst, NY: Prometheus Books.
- Kemp, B. 2012. *The City of Akhenaten and Nefertiti. Amarna and its people*. London: Thames & Hudson.
- Kemp, B. J. 1977. The city of el-Amarna as a source for the study of urban society in ancient Egypt. *World Archaeology*, 9, 123–139.
- Kemp, B. J. 1984a. *Amarna Reports I. Many contributions*. London: Egypt Exploration Society.

Kemp, B. J. 1984b. Report on the 1983 Excavations Commodity Delivery Area (Zir-Area). In: Kemp, B. J. (ed.) *Amarna Reports I. Many contributions* (pp. 1–13). London: Egypt Exploration Society. London: Egypt Exploration Society.

Kemp, B. J. 1986. *Amarna Reports III*. London: Egypt Exploration Society.

Kemp, B. J. 1987. The Amarna workmen's village in retrospect. *Journal of Egyptian Archaeology*, 73, 21–50.

Kemp, B. J. 1987a. *Amarna Reports IV*. London: Egypt Exploration Society.

Kemp, B. J. 2018 (1989). *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*. London: Routledge.

Koltsida, A. 2006. Birth-Bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? A Study of the So-Called "Elevated Bed" in Deir el-Medina Houses. *Studien zur Altägyptischen Kultur*, 35, 165–174.

Koltsida, A. 2007a. *Social Aspects of Ancient Egyptian Domestic Architecture*. Oxford: Archaeopress.

Koltsida, A. 2007b. Domestic Space and gender roles in ancient Egyptian village households: a view from Amarna workmen's village and Deir el-Medina. *British School at Athens*, 15, 121–127.

Lane, E. W. 2003. *An account of the manners and Customs of the Modern Egyptians. The Definitive 1860. Introduced by Jason Thompson*. Cairo: American University in Cairo Press.

Langer, C. 2021. (no prelo). O colonialismo informal da Egiptologia: da missão francesa ao Estado de Segurança (Trad. T. Rocha da Silva). *Mare Nostrum – Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo* 13 (1).

Lesko, B. S. 1978. *The remarkable women of ancient Egypt*. Berkeley: Scribe Publications.

Lichtheim, M. 1976. *Ancient Egyptian literature. A book of readings, volume II: The New Kingdom*. Los Angeles: University of California Press.

Low, S. M., Lawrence-Zúñiga, D. 2003. *The anthropology of space and place: locating culture*, Malden, Mass. Oxford, Blackwell.

Madella, M., Kovacs, G., Kulcsarne-Berzsenyi, B., Godino, I. B. I. 2013. *The archaeology of household*. Oxford, Oakville: Oxbow Books.

- Marchand, S. 2009. *German Orientalism in the Age of Empire Religion: race and scholarship*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2009.
- McDowell, A. G. 2010 (1999). *Village life in ancient Egypt: laundry lists and love songs*. Oxford: Oxford University Press.
- Meskell, L. 1998. An Archaeology of Social Relations in an Egyptian Village. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 5, 209–243.
- Meskell, L. 1999. *Archaeologies of Social Life: age, sex, et cetera in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishers
- Meskell, L. 2002. *Private life in New Kingdom Egypt*. Princeton, Chichester: Princeton University Press.
- Mignolo, W. D. 2009. 'Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom'. *Theory, Culture and Society* 26/7–8: 1–23.
- Mignolo, W. D. 2012. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press.
- Miller, D. 2001. *Home Possessions. Material Culture behind Closed Doors*. Oxford: Berg.
- Miller, D. 2008. *The Comfort of Things*. Cambridge: Polity Press.
- Moeller, N. 2016. *The archaeology of urbanism in Ancient Egypt: from the predynastic period to the end of the middle kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moreno Garcia, J. C. 2012. Households. In Frood, E., Wendrich, W (ed.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles. Disponível em: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz002czx07>
- Moser, S. 2006. *Wondrous curiosities: ancient Egypt at the British Museum*, Chicago, London: University of Chicago Press.
- Muhs, B. P. 2008. Fractions of houses in Ptolemaic Hawara. In Lippert, L. and Schentuleit, M. (ed.) (pp. 187–197). *Graeco-Roman Fayum: Texts and archaeology* Wiesbaden: Harrassowitz.
- Müller, M. 2015. *Household studies in complex societies. (Micro) Archaeological and textual approaches*. Ninth Annual University of Chicago Oriental Institute seminar. Chicago: University of Chicago Press.

Navratilova, H., Gertzen, T. L., Dodson, A., Bednarski, A. (ed.) 2019. *Towards a history of Egyptology: proceedings of the Egyptological section of the 8th ESHS Conference in London, 2018*. Münster: Zaphon.

Nelson, S. M. 2006. *Handbook of gender in archaeology*. Lanham: AltaMira Press.

Netting, R. M., Wilk, R. R., Arnould, E. J. 1984. *Households: comparative and historical studies of the domestic group*. Berkeley, University of California Press.

Olabarria, L. 2020. *Kinship and Family in Ancient Egypt: Archaeology and Anthropology in Dialogue*. Cambridge: Cambridge University Press.

Oliver, P. 1987. *Dwellings: the house across the world*. Oxford: Phaidon.

Palyvou, K. 2018. *Daidalos at work: a phenomenological approach to the study of Minoan architecture*. Philadelphia: INSTAP Academic Press.

Parker, B. J., Foster, C. P. 2012. *New perspectives on household archaeology*. Winona Lake: Eisenbrauns.

Peet, T. E., Woolley, L. 1923. *The city of Akhenaten*. London and Boston, Egypt Exploration Society.

Pestman, P. W. 1961. *Marriage and matrimonial property in ancient Egypt: a contribution to establishing the legal position of the woman*, Leiden: Brill.

Pestman, P. W. 1987. "Inheriting" in the Archive of the Theban Choachytes (2nd cent. B. C.). In S. Vleeming (ed.) *Aspects of Demotic lexicography*, Studia Demotica 1 (pp. 57–73). Leuven: Peeters.

Petrie, F., Brunton, G., Murray, M. A. 1923. *Lahun II*, London, British School of Archaeology in Egypt; Bernard Quaritch.

Ricke, H. 1932. *Der Grundriss des Amarna-Wohnhauses*, Leipzig: J. C. Hinrichs.

Robins, G. 1993. *Women in ancient Egypt*. London: British Museum Press.

Rocha, T. 2018. Reassessing models in gender and domestic space in New Kingdom workmen's villages. In: Garcia-Ventura, A., Budin, S. L., Millet Albà, A., Cifarelli, M. (ed.) *Gender and methodology in the ancient Near East: approaches from Assyriology and beyond* (pp. 299–312). Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona.

Rocha, T. 2020. Putting People in their Place. Privacy and Domestic Space in the Amarna Workmen's Village. Phd Thesis. University of Oxford.

- Rowlandson, J. 1998. *Women and society in Greek and Roman Egypt: a sourcebook*, Cambridge, New York: Cambridge University Press.
- Said, E. W. 1979. *Orientalism*. New York: Vintage Books.
- Salmas, A-C. 2018. Space and Society at Deir el-Medina. Delineating the territory of a specific social group. In Dorn, A., Polis, S. (ed.), *Outside the Box. Selected papers from the conference "Deir el-Medina and the Theban Necropolis in Contact". Liege, 27-29 October 2014*. (pp. 421–445). Liege: Presses Universitaires de Liege.
- Sardar, Z. 1999. *Orientalism*. Buckingham: Open University Press.
- Shepperson, M. 2017. *Sunlight and shade in the first cities: a sensory archaeology of early Iraq*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Shepperson, M. 2009. Planning for the sun: urban forms as a Mesopotamian response to the sun. *World Archaeology*, 41, 363-378.
- Soliman, D. 2015. Workmen's Marks in Pre-Amarna Tombs at Deir el-Medina. In Budka, J., Kammerzell, F., Rzepka, F. (ed.), *Non-Textual Marking Systems in Ancient Egypt (and Elsewhere)* (pp. 109–132). Hamburg: Lingua Aegyptia. Studia Monographica 16.
- Soliman, D. 2018. Ostraca with Identity Marks and The Organisation of The Royal Necropolis Workmen of the 18th Dynasty. *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, 118, 465–524.
- Sørensen, M. L. S. 2000. *Gender archaeology*. Cambridge, Malden: Polity Press, Blackwell.
- Spence, K. 2004. The three-dimensional form of the Amarna house. *Journal of Egyptian Archaeology*, 90, 123–152.
- Spence, K. 2015. Ancient Egyptian Houses and Households: Architecture, Artefacts, Conceptualisation, and Interpretation. In Müller, M. (Ed), *Household Studies in Complex Societies: (Micro)-Archaeological and Textual Approaches* (pp. 83–59). Chicago: Oriental Institute of University of Chicago.
- Stevens, A. (2020) Death and Burial at the Amarna Workmen's Village: a community cemetery in context. In Warfe, A. R., Hope, C. A. *Dust, Demons and Pots: Studies in Honour of Colin A. Hope*. (pp. 681–704). Leuven: Bristol, CT, Peeters.

- Strathern, M. and Franklin, S. (2016). *Before and after gender: sexual mythologies of everyday life*. Chicago: HAU Books.
- Sweeney, D. 2002. Gender and language in the Ramesside love songs. *Bulletin of the Egyptological Seminar*, 16, 27–50.
- Sweeney, D. 2008. Gender and requests in New Kingdom literature. In: Graves-Brown, C. (ed.) *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: Classical Press of Wales.
- Szpakowska, K. M. 2008. *Daily life in ancient Egypt: recreating Labun*. Malden: Blackwell.
- Toivari-Viitala, J. K. 2001. *Women at Deir el-Medina: a study of the status and roles of the female inhabitants in the workmen's community during the Ramesside Period*. Leiden: Nederlands Inst. voor het Nabije Oosten.
- Tosh, J. 2004 (1999). *A man's place: masculinity and the middle-class home in Victorian England*. New Haven, London: Yale University Press.
- Valbelle, D. 1985. *Les ouvriers de la tombe: Deir-el-Médineh à l'époque Ramesside*. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale du Caire.
- Van der Spek, K. 2011. *The Modern Neighbors of Tutankhamun. History, Life, and Work in the Villages of the Theban West Bank*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Varisco, D. M. 2007. *Reading orientalism. Said and the unsaid*. Seattle: University of Washington Press.
- Waithé, M. 2004. The Stranger at the Gate: Privacy, Property, and the Structures of Welcome at William Morris's Red House. *Victorian Studies*, 46(4), 567–595.
- Wilfong, T. 1989. Western Thebes in the Seventh and Eighth Centuries: A Bibliographic Survey of Jême and its Surroundings. *Bulletin of the American Society of Papyrologists*, 26, 90–145.
- Wilfong, T. 1990. A Family of Moneylenders from Jeme. *Bulletin of the American Society of Papyrologists*, 27, 169–181.
- Wilfong, T. 1999. Menstrual synchrony and the 'place of women' in ancient Egypt (Hieratic ostrakon Oriental Institute Museum 13512). In: Teeter, E. (ed.) *Gold of praise: studies in honor of Edward F. Wente*. Studies in Ancient Oriental Civilization. Chicago: University of Chicago Press.

Rocha da Silva, Thais
Novas abordagens sobre a arqueologia doméstica na Vila de Trabalhadores de Amarna
www.revistarodadafortuna.com

Wilk, R. R., Ashmore, W. 1988. *Household and Community in the Mesoamerican Past*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

Wilk, R. R., Rathje, W. 1982. Household Archaeology. *The American Behavioral Scientist*, 25, 617–639.

Winlock, H. E. 1955. *Models of Daily Life in Ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press.

Recebido: 22 de janeiro de 2021

Aprovado: 04 de maio de 2021